

# DOSSIÊ ELEIÇÕES NA COLÔMBIA: A direita que aposta na guerra ganhou o segundo turno

Fonte: Página 12 – 18/06/2018 – Tradução: Charles Rosa

## *Desde Bogotá*

Ivan Duque é o novo presidente da Colômbia. Um rapaz ruivo de casaco de Cambridge abraça os pais e chora. Dizem que graças a Deus a Colômbia foi salva de ser outra Venezuela. Junto com centenas de outros, esses “duquistas” se reuniram para aguardar os resultados em um centro de eventos em Bogotá. A tarde está caindo e os resultados do escrutínio são definitivos. O candidato do Centro Democrático, o favorito nas urnas, obteve 53,9% dos votos. Sufragaram 18 milhões de colombianos em todos os cantos do país, incluindo os indígenas de Murindó, uma cidade isolada por rios que nunca antes haviam conseguido entrar em um barco para exercer seu direito de voto porque os guerrilheiros o impediram.

Desta vez, nas eleições presidenciais mais tranquilas desta velha democracia, nem “elenos” nem “farianos” dispararam. A democracia demonstrou, no entanto, que a maioria dos colombianos não abraça o acordo de paz que levou ao fim da guerra, mas apoia o caminho da força e da reforma do tratado de paz proposto pela direita, que à cabeça de Duque obteve mais de 10 milhões de votos. Em seu discurso de vitória, o delfim de Álvaro Uribe deixou claro: “A paz exige correções para que as vítimas da verdade sejam o centro do processo”. A esquerda, liderada por Gustavo Petro, obteve 8 milhões. E de acordo com caribenho, não foi uma derrota. Com 41,8% dos votos, o antigo guerrilheiro pronunciou-se no seu twitter quando a contagem atingiu 99%. Ele disse que aceitou os resultados, parabenizou seu rival e garantiu: “Que derrota?

Oito milhões de colombianos livres em pé. Não há nenhuma derrota aqui. Por ora não seremos agora”. Ontem, ocorreu o maior avanço da esquerda numa eleição para presidente na Colômbia. Carlos Gaviria, do Pólo Democrático, chegou a 2,6 milhões, enquanto o ex-comandante do M19, Carlos Pizarro, que deixou as armas como Petro, chegou a 700 mil votos.

Em seu discurso no Centro de Convenções, onde seus seguidores usavam chapéus de camponeses e roupas indígenas, Petro lembrou o que, segundo ele, o povo colombiano suporta cada vez menos: corrupção, tráfico de drogas, exclusão. E estendeu sua gratidão à grande coalizão que reuniu a Colômbia Humana, entre elas feministas, negras, indígenas, camponesas, jovens, mas sobretudo a cidadãos que não são filiados a nenhum partido e votaram nele com a esperança de mudança. Ele também lembrou que recebeu o apoio de grandes pensadores como Noam Chomsky e disse que seus oito milhões de votos serão oito milhões de pessoas para defender a água, a vida, a terra, a paz, as mulheres.

Apesar de que seu adversário, um congressista com pouca experiência em cargos públicos, tenha ficado 2 milhões de votos à frente e com isso obtido seu ingresso para o Palácio Nariño, Petro assegurou que, em todo caso, “a classe política tradicional da Colômbia foi derrotada” e mostrou confiança em uma vitória nas próximas eleições presidenciais a serem realizadas em quatro anos. No entanto, seus seguidores estavam preocupados com o destino da solução negociada para o conflito, não só pela assinatura já alcançada com as FARC, cuja implementação está acumulando vários obstáculos e desafios, mas também pelos diálogos com a guerrilha do Exército de Libertação Nacional (ELN).

Uma de suas integrantes, María Fernanda Cabal, explicou ao Página12 que os acordos assinados não serão destruídos, mas modificados. Cabal, famosa por se referir à Rússia ainda como União Soviética, disse a este jornal que “o processo de paz continua, mas as correções necessárias serão feitas. Um

processo de paz que recompense os bandidos não é possível quando a Colômbia está cheia de pessoas que precisam de investimento social, justiça e desenvolvimento.” No entanto, não se referiu aos investimentos e à justiça exigidos pelas vítimas de falsos positivos ordenados pelo então Presidente Uribe. Também não quis comentar o mau exemplo das execuções extrajudiciais, das intercepções ilegais da oposição, da imprensa e dos defensores dos direitos humanos nesse governo de direita.

Questionada sobre a mensagem que ela envia às vítimas que estão preocupadas com a chegada de Duque ao poder, Cabal disse que “a maioria das vítimas das FARC deveria estar aqui, o resto devem estar confundidas... Que você não muda um país dando mandatos a violadores, e nós temos que ser um país generoso e equilibrado, mas o mau exemplo é o cultivo de nova violência”.

Diana Lozada, 25 anos, estudante de Bogotá, também presente na sede do presidente eleito, disse ao Página12 que está confiante de que Duque dirigirá um bom governo. “Ele é um cara sério e inteligente”, acrescentou, “prefiro não comentar isso” e “não penso muito” quando foi consultado sobre o respeito ao acordo de paz para evitar que antigos guerrilheiros das FARC retornem às armas e jovens humildes que foram desaparecidos pelo exército e depois assassinados, para serem vistos como farianos mortos em combate durante o mandato de oito anos de Uribe, que marcou as mais graves violações dos direitos humanos.

Ao seu lado, a família de roupas caras e peles brancas grita com a multidão quando a tela principal anuncia o resultado por regiões. Enquanto em Bogotá Petro foi a vencedora, em Antioquia, terra de Uribe e Pablo Escobar, Duque obteve 73% dos votos com 856 mil votos.

Enquanto isso, em áreas onde a guerra foi vivida com maior rigor, como Chocó, e as vítimas perdoaram, como foi o caso do Massacre de Bojayá, a proposta de Petro obteve maiorias. Lá,

Gustavo e Angela María Robledo, sua fórmula vice-presidencial, ganharam 59% das eleições. Também no Atlântico, a esquerda foi a vencedora. Seus seguidores comemoraram, além do histórico voto de esquerda, que Petro obteve uma cadeira no Senado por ter sido o segundo nas eleições presidenciais.

Não se sabe ainda se, conforme estabelecido no Acordo de Paz assinado entre o governo de Santos e as FARC, o novo senador dividirá assentos com os senadores e representantes do recém-formado partido político Força Alternativa Revolucionária do Comum (FARC). Embora o acordo seja constitucional e tenha sido aprovado pelo Congresso, o governo de Iván Duque modificaria o tópico sobre participação política.

Essas e muitas outras são as preocupações dos ex-farianos que estão voltando à vida civil em meio às dificuldades de reincorporação e ao fracasso de aspectos fundamentais do acordo, como a reforma agrária ou a substituição de cultivos ilícitos. As garantias de segurança física e jurídica também estão em declínio com o assassinato de ex-combatentes que chegou a 50 desde a assinatura do Acordo, e a captura do congressista “Jesús Santrich” por ordem dos Estados Unidos por suposta conspiração para enviar coca para aquele país.

Omar de Jesús Restrepo, conhecido como “Olmedo Ruiz” – ex-comandante das FARC designado como futuro representante da câmara por Antioquia – disse a este jornal que recebe o novo governo com preocupação. “A chegada de Duque à presidência significa um enorme risco para o processo de paz”.

De acordo com “Olmedo”, que durante mais de 20 anos pegou em armas e agora é um líder político que jurou defender suas idéias a partir de agora apenas com a palavra, o resultado das eleições de ontem é de “graves conseqüências”. No entanto, ele vê com esperança o fato de a votação da esquerda ter ultrapassado os números históricos. “Esperamos que a força política do petrismo e dos movimentos sociais democráticos possa neutralizar este resultado eleitoral. Os acordos de paz

são jurídica e constitucionalmente blindados e unanimemente apoiados pela comunidade internacional, mas a sua implementação será mais tortuosa e mais lenta”.

A sua confiança é também depositada na comunidade internacional, nas Nações Unidas e nos países aliados que têm apoiado e que certamente “continuarão a apoiar-nos nos nossos esforços para continuar a implementação”. Continuaremos a defender o acordo. E a trabalhar pela paz neste país.

“Algum dia alcançaremos paz política, justiça social, gênero, eqüidade étnica e regional no país. Os 8 milhões de votos da Petro nos dão essa esperança”, disse o homem, preocupado, mas confiante no povo.

Numa casa de camponeses, Amparo chora a derrota. Com duas crianças assassinadas e desterradas de sua fazenda, ela esperava que Petro chegasse ao poder para voltar ao campo e encontrar a verdade sobre seus filhos. Margarita, cuja filha desapareceu em uma das operações militares apoiadas por “Paras” (paramilitares) que Uribe ordenou na Comuna 13 de Medellín, também sente a frustração do sonho que escapa.

“Muito triste, mas o mesmo em muitas partes da Colômbia que ganhamos”, diz a senhora lamentando que a Colômbia seja um país sem memória. “Continuaremos submersos em corrupção, eu queria uma Colômbia diferente, outra mudança, mas bem, continuaremos lutando pelas próximas eleições”.

Ao cair da noite, o presidente eleito falou ao país “olhando para o futuro para o bem de todos os colombianos”. Junto com Marta Lucía Ramírez, primeira vice-presidente feminina da Colômbia, ele disse que quer ser “o presidente que dá o mesmo amor àqueles que votaram em mim e àqueles que não votaram em mim”, deixando em seu firme discurso que ele quer unir o país e que o futuro pertence a todos os colombianos.

“Não governarei com ódio. Não reconheço inimigos na Colômbia”, explicou ele.